

Quem sabe faz a hora! *Vamos ocupar as ruas nesta sexta!*

Foto CUT Pernambuco



Como em vários outros momentos da história brasileira, a classe trabalhadora sai às ruas junto com a sociedade organizada em defesa da Petrobrás e da democracia. Os petroleiros, mais uma vez, precisam assumir o protagonismo dessa luta, comparecendo massivamente aos atos de sexta-feira, 13, que as centrais sindicais e os movimentos sociais realizam de norte a sul do país.

É a hora dos trabalhadores da Petrobrás reagirem e mostrarem sua força nas ruas, pois também são vítimas das tentativas sistemáticas de desmoralização da empresa, cujo objetivo é entregar o pré-sal às multinacionais para enfraquecer a estatal e forçar sua privatização. A mídia, que tem tido papel de destaque nessa empreitada, está tentando esvaziar a manifestação do dia 13 e inflar a de domingo, patrocinada por empresários e setores golpistas, que querem a qualquer

custo um terceiro turno no tapetão.

Por isso, os atos de sexta-feira são também em defesa da democracia, da reforma política e dos direitos da classe trabalhadora. A FUP e seus sindicatos convocam os petroleiros a ocuparem as ruas com seus uniformes de trabalho, reforçando a identidade classista das manifestações, cuja pauta vai além da Petrobrás.

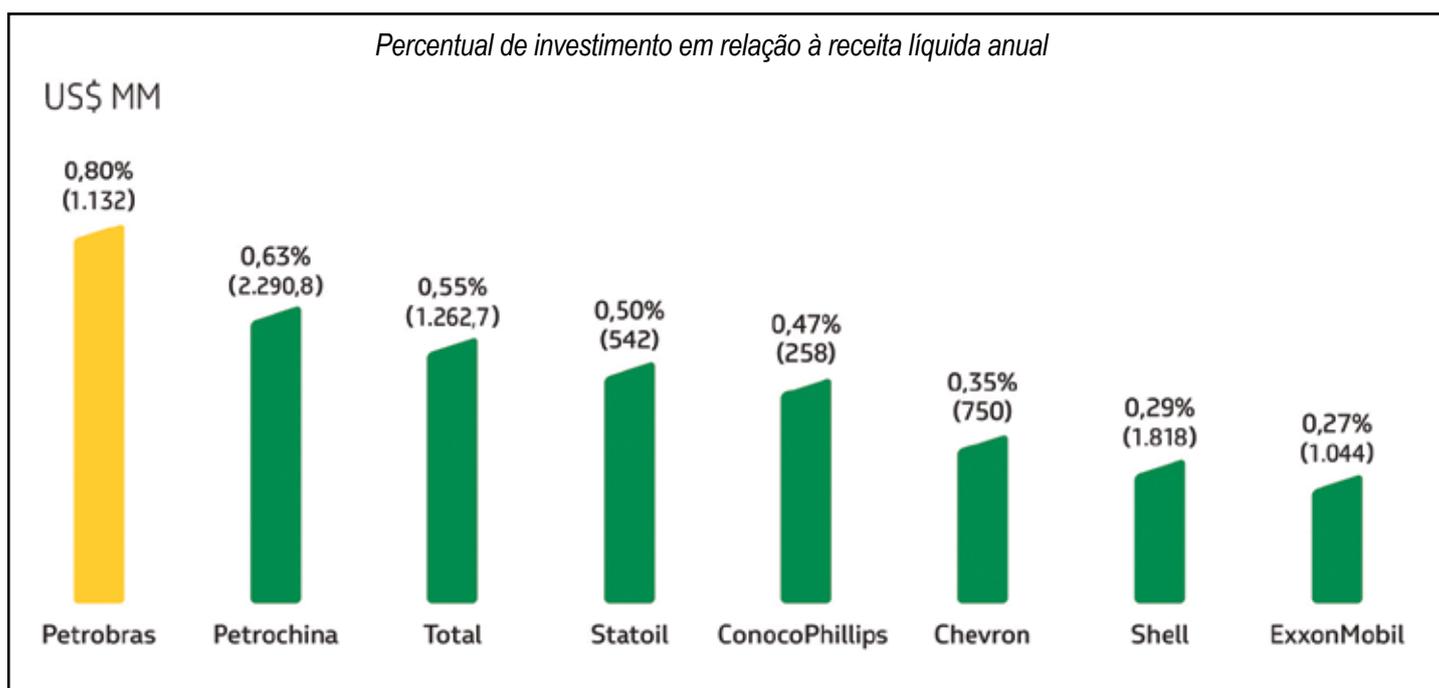
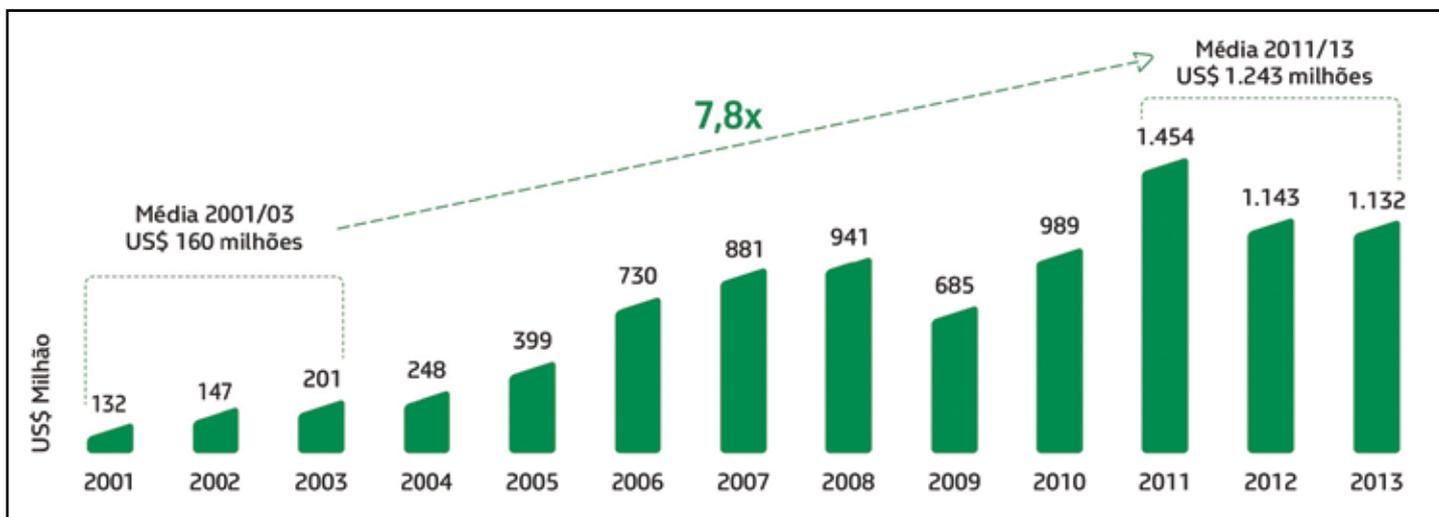
As bandeiras que as centrais sindicais e os movimentos sociais levarão às ruas são também pela retomada do crescimento econômico com inclusão social e geração de empregos, pela ampliação dos direitos da classe trabalhadora e pelo aprofundamento da democracia, através de uma ampla reforma política para banir o financiamento empresarial de campanhas, que é o principal dreno da corrupção no país.

Por que lutamos?

- Em defesa da Petrobrás e do pré-sal; para que a empresa continue investindo e gerando empregos no Brasil; por punição exemplar dos corruptos e corruptores
- Em defesa da democracia, reconquistada nas ruas e na luta, após 21 anos de ditadura militar; contra o golpismo dos que pregam o retrocesso e o ódio de classe
- Por um Plebiscito Constituinte para reformar o sistema político e acabar com o financiamento privado de campanhas
- Pelo fim das Medidas Provisórias 664 e 665, que reduzem e limitam direitos e conquistas dos trabalhadores

A verdadeira Petrobrás, a mídia não mostra

Investimentos da estatal em tecnologia aumentaram 700% nos últimos 12 anos



As conquistas e avanços da Petrobrás são menosprezados pela mídia e, muitas vezes, pelos próprios petroleiros, que acabam contaminados por manchetes negativas e manipuladoras. Poucos sabem, por exemplo, que a Petrobrás é a petrolífera que mais investe em pesquisas e em desenvolvimento de tecnologias, através de um corpo técnico capacitado e comprometido com a empresa, o que nos tornou capazes de descobrir

o pré-sal. Por decisão política dos governos Lula e Dilma, a estatal aumentou em mais de 700% os investimentos nesta área nos últimos 12 anos.

O que a Petrobrás investe supera todo o montante gasto em pesquisa pelas sete maiores empresas brasileiras juntas. Enquanto as grandes petrolíferas do mundo aplicam em média 0,40% de sua receita líquida no desenvolvimento de tecnologias, a nossa estatal investe o dobro: 0,80%. A

ExxonMobil, por exemplo, investe apenas 0,27%; a Shell, 0,29% e a Chevron, 0,35%.

Não é a toa que em maio, a Petrobrás receberá pela terceira vez o prêmio OTC, considerado o "Oscar" das empresas do setor, pelo desenvolvimento de tecnologias para explorar o pré-sal a sete mil metros de profundidade. Essa conquista, no entanto, não foi destaque na mídia, que só divulga manchetes e notícias depreciativas, para jogar a opinião

pública contra a gestão estatal da Petrobrás. Uma campanha difamatória, que começou bem antes da Operação Lava Jato, movida a interesses políticos e econômicos dos setores que sempre defenderam a privatização da empresa e nunca se conformaram com as mudanças na legislação do setor petróleo, que criaram o sistema de partilha para o pré-sal, o fundo social soberano e garantiram a Petrobrás como operadora única destas reservas.

Após 14 anos da P-36, mais de 200 petroleiros morreram em acidentes

Foto Agência Globo

Este domingo, 15, será marcado pela passagem de 14 anos da tragédia da P-36, plataforma da Petrobrás que afundou na Bacia de Campo, em 2001, causando a morte de 11 trabalhadores. Os petroleiros do Norte Fluminense, mais uma vez, prestarão homenagens às vítimas deste que é considerado um dos maiores acidentes da indústria do petróleo. A manifestação também servirá para ressaltar aos trabalhadores que agora, mais do que nunca, é preciso intensificar a luta para que a Petrobrás e demais operadoras apontem mudanças estruturais em suas gestões de SMS.

Há exato um mês, a categoria petroleira foi atingida por mais uma tragédia semelhante, que, por pouco, não matou o mesmo número de trabalhadores. No dia 11 de fevereiro, a explosão



Acidente que matou 11 trabalhadores em 2001 completa 14 anos

em um navio plataforma da petrolífera BW, no Espírito Santo, matou 09 petroleiros e deixou 26 feridos. O processo de resgate das vítimas durou 21 dias e foi finalizado no dia 02 de março, com a localização da última vítima fatal que estava presa nas instalações da plataforma.

Há anos, o movimento sindical petroleiro denuncia problemas estruturais na política de SMS da Petrobrás, que ignora as reivindicações dos trabalhadores. De 2001 até agora, 228 petroleiros morreram em acidentes de trabalho, mas, apesar disso, poucos foram os avanços

nas questões de saúde e segurança. Já passou da hora dos gestores da empresa entenderem que a vida está acima de qualquer indicador econômico e que política de prevenção de acidentes se faz com participação dos trabalhadores e não de forma autoritária.

Protestar sim, golpismo não!

Manifestação pró-impeachment que a mídia incita é patrocinada por empresários e pela extrema direita

Primeiro foram as vaias e xingamentos durante a Copa. Agora, o “panelaço” nos bairros nobres de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, aos gritos de “fora vaca”. Protestos pontuais da elite, mas que têm sido repercutidos pela mídia com grande estardalhaço e incitação ao ódio de classe. Novamente, a mídia sai em campo incentivando a manifestação de domingo, convocada nas redes sociais por grupos financiados por empresários e por setores que fazem oposição a Dilma, com uma pauta claramente golpista.

“Para fazer funcionar sua es-



Convocação golpista

tratégia de conquistar o que não obtiveram nas urnas, a oposição e a imprensa precisam que a pressão social alcance todas as regiões do país, ou pelo menos a maioria das capitais”, expli-

ca o jornalista Luciano Martins Costa, em artigo publicado no Observatório da Imprensa.

Um dos grupos que promovem os atos do dia 15 é o “Vem Pra Rua”, cujo domínio na internet, segundo reportagem do site de notícias Brasil 247, foi registrado em nome da Fundação Estudante, do milionário Jorge Paulo Lemann, dono da Ambev, um dos empresários mais ricos do Brasil. Também estão por trás da manifestação o “Movimento Brasil Livre (MBL)”, que defende publicamente o impeachment; o “Legalistas”, vinculado a militares da reserva, e o “Revoltados Onli-

ne”, que vende um kit pró-impeachment, com camiseta, adesivos e boné, por R\$ 175,00.

“O trabalhador brasileiro precisa ficar de olhos abertos. Questionamos a política econômica aplicada neste momento pelo governo e propomos mudanças. Mas não é isso que a onda conservadora está querendo fazer”, alerta o presidente da CUT, Vagner Freitas. “Esses que querem o impeachment da presidenta não estão preocupados com trabalhadores e com o Brasil, mas só com um terceiro turno das eleições”, afirma.

Edição 1174 – Boletim da FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS Filiada à CUT www.fup.org.br

Av. Rio Branco, 133/21º andar, Centro, Rio de Janeiro - (21)3852-5002 imprensa@fup.org.br Edição: Alessandra Murteira - MTb 16763

Texto: Alessandra Murteira e Caroline Cavassa - Projeto gráfico e diagramação: Claudio Camillo - MTb 20478 Diretoria responsável por esta edição:

Caetano, Chicão, Castellano, Chico Zé, Dary, Divanilton, Enéias, Leopoldino, Moraes, Paulo Cesar, Silva, Silvaney, Simão, Ubiraney, Zé Maria.

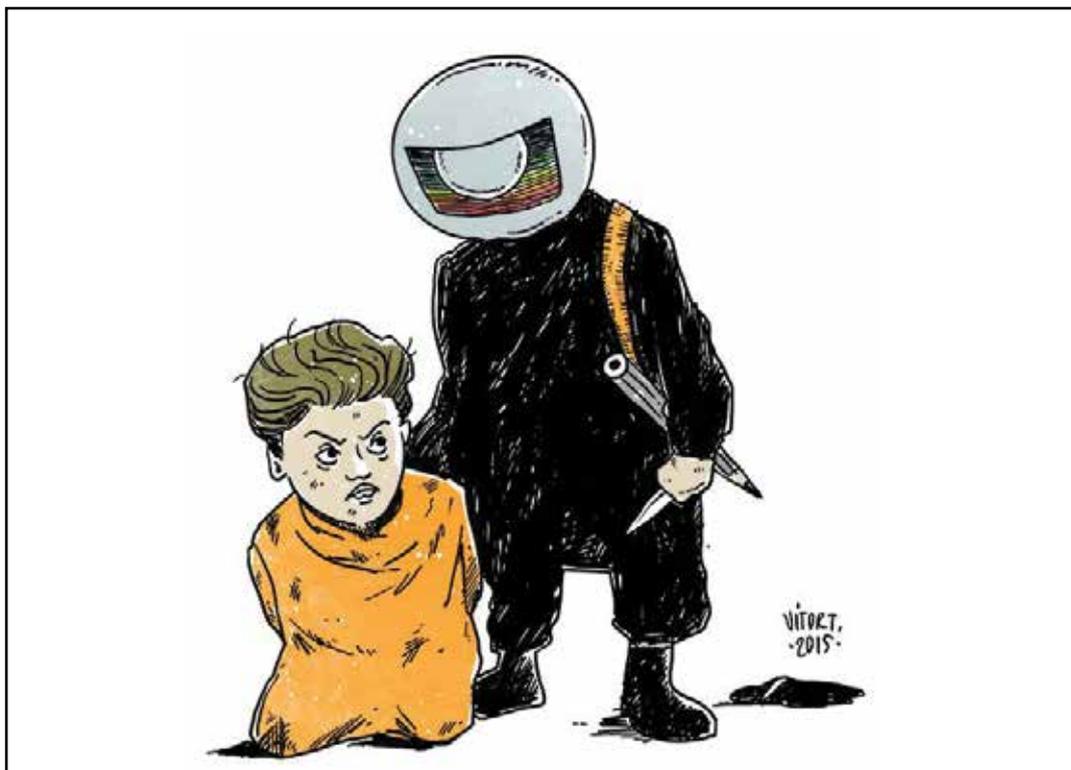
Intelectuais repudiam o ódio ao PT incentivado pela mídia

Em entrevista recente ao jornal Folha de São Paulo para divulgar o seu novo livro “A construção política do Brasil”, o economista Luis Carlos Bresser Pereira, ex-ministro de FHC, criticou duramente o golpismo movido pelo ódio de classes. Citamos aqui alguns trechos que foram repercutidos por vários intelectuais, inclusive pelo escritor Luís Fernando Veríssimo, em artigo dia 08 no jornal O Globo.

Diz Bresser:

“Um fenômeno novo na realidade brasileira é o ódio político, o espírito golpista dos ricos contra os pobres. Surgiu um fenômeno nunca visto antes no Brasil, um ódio coletivo da classe alta, dos ricos, a um partido e a um presidente. Não é preocupação ou medo. É ódio. Decorre do fato de se ter, pela primeira vez, um governo de centro-esquerda que se conservou de esquerda, que fez compromissos, mas não se entregou. Continuou defendendo os pobres contra os ricos. O governo revelou uma preferência forte e clara pelos trabalhadores e pelos pobres. Nos dois últimos anos da Dilma, a luta de classes voltou com força. A divisão que ocorreu nos dois últimos anos foi violenta. Quando os liberais e os ricos perderam a eleição não aceitaram isso e, antidemocraticamente, continuaram de armas em punho. E de repente, voltávamos ao udenismo e ao golpismo”.

Ao comentar as considerações feitas pelo econo-



mista, Veríssimo destacou: “Confesso que até eu, que, como o Antônio Prata, sou meio intelectual, meio de esquerda, me senti, lendo o que ele disse sobre a

luta de classes mal abafada que se trava no Brasil e o ódio ao PT que impele o golpismo, um pouco como se visse meu avô dançando seminu no meio do salão —

um misto de choque e de terna admiração. Às vezes, as melhores definições de onde nós estamos e do que está nos acontecendo vem de onde menos se espera”.

Panelaço de barriga cheia de raiva



O teólogo Leonardo Boff fez questão de nomear os setores golpistas, que semeiam o ódio de classe no país. Em entrevista nesta última semana à Rádio Brasil Atual ele declarou que a crise econômica e política que o país atravessa é “em grande parte forjada, mentirosa e induzida”, ao ser amplificada por uma “dramatização

da mídia conservadora, golpista, que nunca respeitou um governo popular. Devemos dizer os nomes: é o jornal O Globo, a TV Globo, a Folha de S. Paulo, o Estadão, a perversa e mentirosa revista Veja”, declarou.

Um dos exemplos disso foi a tentativa da mídia de transformar em um grande protesto nacional o “panelaço” que as elites promoveram em alguns dos bairros mais ricos do país. Para

Boff, o protesto foi “totalmente desmoralizado”, pois foi “feito por aqueles que têm as panelas cheias e são contra um governo que faz políticas para encher as panelas vazias do povo pobre”.

Em seu blog, o jornalista esportivo Juca Kfourri ironizou o “panelaço nas varandas gourmet”, que para ele não teve nada a ver com protesto contra a corrupção e sim “contra o incômodo que a elite branca sente ao disputar espaço com esta gente diferenciada que anda frequentando aeroportos, congestionando o trânsito e disputando vaga na universidade”.